

LINGUAGENS NA EXPERIÊNCIA DE FÉ SOBRE JESUS CRISTO

Carlos Cunha /
J. B. Libanio

1. A LINGUAGEM NEOTRADICIONAL

A linguagem tradicional ingênua sobre Jesus tende a desaparecer. Um mínimo de cultura científica moderna a desfaz. Difícilmente alguém afirmaria que Jesus transformou 600 litros de água em vinho, não percebendo o sentido simbólico de João. E que dizer do demônio que precipita a manada de porcos no lago, ao sair dos endemoninhados gadarenos (Mt 8, 28-34)?

Quem subescreveria hoje o relato da cena em que Maria veste Jesus uma única vez com a túnica e esta crescerá junto com ele até ser retirada pelos algozes na flagelação, como nos conta a mística Soror Ágreda?¹.

Está a surgir, porém, outro tipo de linguagem tradicional. Ela desconhece as descobertas científicas da exegese moderna, a crítica textual, a hermenêutica crítica. Lê os evangelhos como descrição biográfica de Jesus, salientando os aspectos psicológicos: um Jesus mestre, acolhedor, amigo, com poderes extraordinários. Ao encontrar as pessoas, lê-lhes a vida e dirige-lhes palavras comovedoras.

Predomina o estilo de autoajuda. Jesus entra na longa lista

dos gurus de todos os tempos que vieram para aconselhar e ajudar as pessoas a resolverem os problemas íntimos. Não ultrapassa a dimensão psicológica.

Essa linguagem corresponde e se adapta bem aos interesses da sociedade pós-moderna, neoliberal, que forja um Jesus conciliador dos conflitos internos individuais. Amortece-lhe as contradições e insere a Jesus na sua engrenagem.

Recupera, sem dúvida, aspecto verdadeiro da figura de Jesus, mas unilateraliza-a. As instituições políticas e eclesásticas apóiam tal linguagem, que molda as pessoas para viverem adaptadas a elas. Ela calha bem no mundo midiático televisivo. Daí a enorme expansão e atualidade.

Carece, porém, do traço fundamental profético e crítico de Jesus. Esse Jesus nunca teria sido condenado à morte na cruz, antes viveria feliz, cercado de discípulos e amigos.

2. A LINGUAGEM NARRATIVA E CRÍTICO-HISTÓRICA

Os escritos evangélicos nos aproximam de Jesus. No entanto, vêm de outra época. Ao relê-los

em outro contexto bem diferente, precisamos captá-los no tempo da gestação e perguntar-nos qual seu significado hoje, interpretando-os. A linguagem da exegese moderna traz o Jesus da história para a vida cristã dos dias de hoje.

Importa o seguimento de Jesus. A linguagem sobre ele, captada pela exegese no seu momento histórico, está aí para provocar-nos a segui-lo. Jesus não é objeto neutro de pesquisa do passado, mas alguém que nos interpela a pautar a vida.

A leitura exegética moderna corre o risco de prender-se ao caráter puramente científico e lingüístico do texto, caindo na armadilha da razão moderna iluminista. Perde então o caráter interpelativo existencial.

João disse que os sinais manifestados no Evangelho visam a que creiamos que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhamos a vida em seu nome (Jo 20, 31). Ler, crer e ter a vida em nome dele: eis o significado último das vidas de Jesus.

A linguagem da exegese moderna consiste em articular o melhor

possível tudo o que alcançamos saber de Jesus a fim de provocar no fiel segui-lo no cotidiano de sua vida. A terminar a leitura dos evangelhos enriquecidos pelos estudos históricos e críticos, encontramos-nos em condição de responder a pergunta que o próprio Jesus fez aos discípulos: “E vós quem dizeis que eu sou” (Mt 16,15)?

De maneira sucinta e brilhante, o exegeta J. Konings oferece-nos uma resposta. “Um homem que, vivendo com os seus contemporâneos a esperança da vida do Reino de Deus, tomou consciência de que a participação deste Reino se decide agora, no relacionamento do homem com seu semelhante, perante os olhos de Deus. Assim, cumpriu e levou à perfeição a Lei, não como letra morta, e sim, como vontade justificadora e salvífica de Deus. Intimamente unido ao Pai, era “seu filho de predileção” [...] Para Jesus, a verdadeira religião era o amor (em atos) ao próximo [...] que o levou a ser o nosso próximo, a tal ponto que quis entregar-se à liberdade dos homens, que o rejeitaram, e Deus nele. Mas ele ressuscitou [...] Quem na obediência da fé se entrega a Cristo e pratica seu mandamento, já vive a realidade

do Reino, enquanto espera a sua manifestação gloriosa².

3. A LINGUAGEM NEOPENTECOSTAL

A linguagem sobre Jesus Cristo que emerge do neopentecostalismo é positiva e libertadora quando promove empatia com o fiel. Ao se identificar com o mundo dele, a linguagem neopentecostal é capaz de apresentar Jesus Cristo como aquele que se preocupa em mudar a sua situação de vida e fazê-lo prosperar.

Por outro lado, a linguagem se torna negativa quando esta aproximação é canalizada em processos individualistas, terapêuticos, visando à prosperidade financeira como fim em si mesmo. Sem qualquer apelo para ações sociais coletivas, a linguagem neopentecostal prega um Cristo despojado da sua cruz e disponível aos apelos materialistas dos fieis.

Além disso, a linguagem neopentecostal, que apresenta Jesus como empreendedor, tem banalizado as instituições religiosas. Em outros tempos, Igreja era o lugar mais óbvio para tratar das questões de Deus e da alma. No âmbito neopentecostal não é as-

sim! Igreja passou a ser lugar de mercado que comercializa Deus como produto em nome de Jesus.

Embora a mídia neopentecostal apresente o sucesso do seu projeto, o que se percebe no meio evangélico brasileiro é a crescente frustração por parte dos fieis em relação ao discurso de cura e prosperidade proferido pelos líderes neopentecostais. O Jesus Cristo apresentado por eles é um engodo. A linguagem utilizada para atrair as pessoas é sedutora, mas o rastro desse seguimento é marcado por decepções e um número crescente de crentes sem senso de pertença.

A Ultimato, revista evangelical de circulação entre os evangélicos no Brasil, não suporta o discurso triunfalista do neopentecostalismo. Há muito tempo, tal periódico vem fazendo pesadas críticas à “teologia” (ideologia) da prosperidade proferida pelos neopentecostais e denunciado as suas mazelas: “Até bem pouco tempo atrás uma fatia respeitável da igreja cristã empurrava todas as bem-aventuranças para o céu e para a eternidade. Dizia-se então que era necessário suportar pacientemente o sofrimento presente [...] A teologia da pros-

peridade está trazendo o celeste porvir para o terrestre presente. Para comermos a melhor comida, para vestirmos as melhores roupas, para dirigir os melhores carros, para termos o melhor de todas as coisas, para adquirir muitas riquezas, para não adoecermos nunca, para não sofrer qualquer acidente, para morrermos entre 70 e 80 anos, para experimentar uma morte suave - basta crer no coração e decretar em voz alta a posse de tudo isso. Basta usar o nome de Jesus com a mesma liberdade com que usamos nosso talão de cheques”³.

CONCLUSÃO

A linguagem é uma abstração. Somente as falas, traduzidas em atos, são reais quando atualizadas numa língua particular, lembra André Comte-Sponville. Assim a linguagem que emerge sobre Jesus Cristo nos espaços neotradicional, exegética moderna e neopentecostal se mostra relevante quando, reveladas em atos, traz à luz as verdadeiras motivações que permeiam o discurso religioso e oferecem, publicamente, subsídios para verificação da legitimidade da experiência de fé sobre Jesus Cristo.

Notas:

¹ ÁGREDA, SOROR MARIA DE JESUS: *Mística Cidade de Deus*. Rio de Janeiro: Edições Louva-a-Deus, 2001, 7ª ed.p.157-158.

² KONINGS, Johan: *Jesus nos evangelhos sinóticos*. Petrópolis: Vozes, 1977. p.9s.

³ Cf. em <http://www.ultimato.com.br/busca-conteudo/teologia+da+prosperidade/1> algumas das publicações feitas pela revista Ultimato sobre os problemas relacionados à teologia da prosperidade e o desabafo de alguns pastores brasileiros.